

**ANÁLISE DOCUMENTAL COMO TÉCNICA NO ESTUDO DE CASO DO APL
APICULTURA VALE DO JAGUARI – RS**

**DOCUMENTAL ANALYSIS AS A TECHNIQUE IN THE CASE STUDY OF LPA
VALE DO JAGUARI – RS BEEKEEPING**

Augusto José Pinto Souto¹
Markus Erwin Brose²

RESUMO

O presente artigo propõe uma reflexão aos estudantes de graduação e, principalmente, de pós-graduação, visando divulgar o uso da técnica documental nas áreas das ciências humanas, ciências da saúde e ciências sociais aplicadas, além de outras áreas e sub áreas potenciais; para que informações documentais sejam convertidas em análises e discussões qualitativas e quantitativas. No objeto deste escrito, abordaremos a técnica da análise documental em um estudo de caso no Arranjo Produtivo Local apicultura Vale do Jaguari – RS, na cadeia produtiva apícola com seus atores durante a vigência do convênio 014/2015 APL/DPI/AGDI, e fomento externo de abril de 2016 a setembro de 2017, ofertando capacitações, cursos, palestras e treinamentos apícolas. Adotaremos, como linha metodológica, a Perspectiva Orientada aos Atores (POA), tornando-a como norteadora para este escrito, e a abordagem/capital relacional como um dos métodos necessários para atingir o objetivo proposto do despertar do uso da técnica documental. Também, o uso da metodologia qualitativa, a análise de conteúdo e léxica e dados quantitativos serão usados para suporte aos objetivos propostos. Nas análises e discussões, identificamos situações heterogêneas e assimétricas nas documentações analisadas sobre a proposta, inicialmente, homogênea, adotada no planejamento e implementação das ações, nas atividades informacionais que foram percebidas dos atores. Nas considerações finais, uma crítica foi identificada, mas a aceitação foi boa da proposta de ofertar capacitações, cursos, palestras e treinamentos aos atores da cadeia apícola, cumprindo com o objetivo do fomento externo.

Palavras-chave: Análise Documental; Cadeia Apícola; Arranjo Produtivo Local apicultura; Atores.

ABSTRACT

This article proposes a reflection for undergraduate and, mainly, graduate students, aiming to disseminate the use of documentary technique in the areas of human sciences, health sciences and applied social sciences, in addition to other potential areas and sub areas; so that documentary information can be converted into qualitative and quantitative analyzes and discussions. In the object of this writing, we will approach the document analysis technique in a case study in the Local Productive Arrangement beekeeping Vale do Jaguari - RS, in the beekeeping production chain with its actors during the term of the agreement 014/2015 APL / DPI / AGDI, and promotion from April 2016 to September 2017, offering training, courses, lectures and bee training. We will adopt, as a methodological line, the Actor Oriented

¹ Doutorando em Desenvolvimento Regional UNISC – Santa Cruz do Sul/RS, administrador CRA-RS nº 8.942. E-mail: soutoajp@gmail.com

² Professor e Doutor. Departamento Ciências Humanas/Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional, Universidade de Santa Cruz do Sul/UNISC. E-mail: markus@unisc.br

Perspective (POA), making it the guideline for this writing, and the relational approach / capital as one of the necessary methods to achieve the proposed objective of awakening the use of documentary technique. Also, the use of qualitative methodology, content and lexical analysis and quantitative data will be used to support the proposed objectives. In the analyzes and discussions, we identified heterogeneous and asymmetric situations in the documentation analyzed on the proposal, initially, homogeneous, adopted in the planning and implementation of actions, in the informational activities that were perceived by the actors. In the final considerations, a criticism was identified, but the acceptance of the proposal to offer training, courses, lectures and training to actors in the beekeeping chain was well accepted, fulfilling the objective of external promotion.

Key-words: Document Analysis; Beekeeping Chain; Local Productive Arrangement Beekeeping; Actors.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo, tem como tema oportunizar uma reflexão aos estudantes de graduação e, principalmente, de pós-graduação, o despertar para a utilização de uma técnica qualitativa e que tem a possibilidade de ser convertida, também, em informações para análises quantitativas, a análise documental.

As áreas com maior uso potencial da técnica de análise documental seriam as áreas de ciências humanas (ciência política e política pública, psicologia social, sociologia), ciências da saúde (saúde coletiva), ciências sociais aplicadas (administração, na administração de recursos humanos, na abordagem/capital relacional do estudo de redes, administração pública, administração rural, comunicação, controles internos de empresas e organizações não governamentais, planejamento urbano e regional sendo mais específico a aplicação na sub-área de métodos e técnicas do planejamento urbano e regional, também relações públicas e no serviço social) e outras áreas afins.

No objetivo deste escrito abordaremos a técnica da análise documental em um estudo de caso no Arranjo Produtivo Local apicultura Vale do Jaguari – RS, durante a vigência do convênio 014/2015 APL/DPI/AGDI, com fomento externo de abril de 2016 a setembro de 2017, ofertando capacitações, cursos, palestras e treinamentos.

Na pergunta norteadora temos o intuito de investigar como a técnica de análise documental pode favorecer a busca de informações advindas de atas de ações, reuniões do referido convênio 014/2015, dos atores que participaram no período citado sobre a proposta de intervenção no território.

Como linha metodológica, empregaremos a Perspectiva Orientada aos Atores (POA), fazendo-a norteadora para este escrito e a abordagem/capital relacional como um dos métodos necessários para atingir o objetivo proposto quanto ao despertar do uso da técnica documental.

Denominamos a expressão de “atores” aqueles, que são entendidos como os indivíduos, os grupos, as instituições e as empresas que participaram das relações sociais e

econômicas de interface, conforme a POA na visão dos autores Long (1989, 1997, 2004, 2007), Long; Ploeg (2011), Schneider; Gazolla (2011), concomitantemente pelo uso da técnica documental para investigar como as relações sociais da cadeia produtiva da apicultura no Vale do Jaguari – RS foram constituídas, transformadas e percebidas ou não no território durante as ações, reuniões do convênio para oferta de capacitações, cursos, palestras e treinamentos.

Justificamos este artigo pela atenção à cadeia produtiva apícola no território, ser pouco estudada no aspecto das relações sociais, assim como na exemplificação para estudantes sobre o manuseio da pesquisa documental, que se trata de método que pertence à abordagem qualitativa e, ao mesmo tempo, favorecer aspectos quantitativos para validação informacional, além de propiciar o uso dos métodos de análise de conteúdo e léxica. Procuramos oportunizar, ainda, a adoção da perspectiva orientada aos atores como linha mestra teórica e da abordagem/capital relacional de maneira multidimensional e inter relacional.

Este escrito é desenvolvido em seções, sendo que a primeira é esta introdução com o tema abordado, objetivo, a pergunta norteadora e a linha metodológica adotada.

A seguir, temos a fundamentação teórica, sub-dividida em perspectiva territorial e desenvolvimento regional, e a pesquisa qualitativa, documental e análise de conteúdo. Na sequência, apresentamos os métodos e técnicas utilizadas, posteriormente, as análises e discussões do estudo de caso; bem como as considerações finais. Por último, as referências utilizadas neste escrito.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta seção, abordaremos autores da perspectiva territorial, desenvolvimento regional e pesquisa qualitativa, documental e análise de conteúdo, para dar o sustento às análises e discussões da pesquisa empírica realizada no território do Vale do Jaguari -RS, a respeito da cadeia produtiva apícola e os seus atores que participaram das ações, reuniões pelas atas preenchidas.

2.1 Perspectiva Territorial e Desenvolvimento Regional

O desenvolvimento regional é uma sub área do conhecimento da Fundação Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pertencente às ciências sociais aplicadas, que propomos abordar de maneira multidimensional.

O território é composto por nove municípios e, dele, visamos principalmente investigar as relações diferenciadas sociais com seus atores (associações apícolas, empresas, instituições, entidades, prefeituras e que interagem com normas e políticas dos governos estadual e federal).

Apropriamo-nos, ainda, dos conceitos de desenvolvimento rural de autores como Schneider (2004), para o pensar dos territórios como centro de articulações, mediações e embates, e de Favareto *et al.* (2015), para estudar a delimitação do tema em aspectos históricos com o tempo interagindo como processo, além da expressão multidimensional e multiescalar.

Na expressão multidimensional, o autor informa que não é somente o econômico que importa, mas também o social, o técnico-científico e o ambiental. Também é multiescalar por que não deriva somente do Estado, mas de uma rede complexa com interdependências entre o âmbito dos governos, arranjos de forças sociais de múltiplas coalisões, com suporte em regiões, nos espaços subnacionais ou no território. (FAVARETO *ET AL.* 2015).

Reis (2005) contribui com as territorializações e define que, nelas ocorrem os processos socioeconômicos localizados que são relacionados pelas dinâmicas de seus atores. E no território, existe a proximidade com os atores e suas interações. Os papéis dos atores sociais ocorrem de forma desigual, regulando a sociedade, as rotinas e padrões, a posição do estado nas políticas públicas e ainda, construindo com o tempo as relações. O autor salienta, que as dinâmicas dos atores são denominadas como estruturas da sociedade, assim como os atores protagonizam as proximidades e interações, sendo fundamental para a matriz das relações de poder.

Os autores inserem a ideia que em cada território coexistem diferentes estruturas e eles continuam ponderando que uma determinada estrutura produtiva com menos ou mais presença de pequenas e médias empresas possui distintos vínculos com os tipos de mercados que possibilitam ou não formas de intercâmbio. Essas estruturas associadas têm instituições particulares, que decidem as regras formais e informais, que regulam o comportamento dos atores. Entre essas estruturas e instituições, segundo os autores, ocorrem fricções, tensões e contradições. (BERDEGUÉ *ET AL.*, 2012).

Ademais, comentam sobre os atores e consideram que são reflexivos, tendo a capacidade de adquirir e desenvolver novas ideias. As estruturas sociais moldam os seus comportamentos com regras formais e informais. Há, ainda, o fenômeno da proximidade social que ocasiona as interações e coordenações com os atores. Portanto, são territórios em movimento. (BERDEGUÉ *ET AL.*; 2012).

Schneider; Gazolla (2011) entendem que na perspectiva territorial, as mobilidades dos atores (indivíduos, empresas e instituições) compõem as ações sociais e econômicas. Os atores podem ser atores coletivos ou individuais com capacidade de agência, já que a contribuição dos atores sociais contempla os sistemas interconectados. (SCHIMITT; 2011).

Consideram incluso ao desenvolvimento regional, como uma alternativa de política de intervenção externa, contemplando a mediação de atores regionais e locais, constando, neste caso, os arranjos produtivos locais que, nos escritos Dallabrida (2017) versa sua interpretação sobre os APLs, como sendo num contexto de uma aglomeração de empresas, com universidades, acrescidos de instituições e entidades, de prestadores de serviços e outros, que atuam em uma atividade produtiva principal ou atividades correlatas e complementares, no caso a apicultura no Vale do Jaguari – RS.

2.1.1 Perspectiva Orientada aos Atores

A perspectiva de análise metodológica adotada é a Perspectiva Orientada ao Ator (POA), de Norman Long, pois o autor trabalha as interfaces rurais, que entendemos como diferentes atores influenciam a implementação de políticas e os projetos de desenvolvimento, interferindo nos seus resultados. Adotaremos, ainda, o suporte das ideias de Giddens (1984,

1992) em relação à capacidade de agência dos atores, ou seja, a capacidade de interferir, fazer de seu modo: aceitando, aceitando parcialmente, negando ou com indiferença em relação à proposta de intervenção.

Long; Ploeg (2011) têm como premissa que num projeto de desenvolvimento rural, os atores devem ter seus conhecimentos respeitados. Diferentes atores sociais são classificados como: clientes, grupos de interesses, espectadores e executantes, e Long (1989) reconhece a contribuição de Giddens, na qual a construção social dos atores deve ter a qualidade de tornar-se conhecida, assim como a capacidade do ator de agência, portanto, o ator social é uma construção social. Assim, Long (2007) entende que, para que ocorra a materialidade das cadeias de atores articuladas, devem ocorrer as informações, as demandas, os bens e instrumentos com interações em sistemas. Por sua vez a construção social dos atores está contida nos aspectos endógenos, mas, também, os atores externos que interferem nesses sistemas.

Granovetter (1985) pondera que os atores evitam conflitos e propõem consensos, utilizando a frequência e a personalidade desses atores, que podem gerar confiança entre eles, com possibilidade alta de promover relações de confiança nos atores locais. Ademais consideram que a noção de território promove, nas localidades a interação entre os atores produtivos diferentes.

2.1.2 Abordagem/Capital Relacional

Para Martínez-Torres (2006) e CIC (2003), a temática do capital relacional, uma possível definição seria correspondente ao valor adicionado a uma empresa ou uma entidade, como promovem intercâmbio com o conjunto das relações que se mantêm com os agentes em seu entorno.

Schimitt (2011) realça que as abordagens relacionais têm um ponto em comum, ou seja, a ruptura com unidades pré-construídas, sendo no que concerne ao indivíduo, à sociedade ou à cultura; e no que tange os atores sociais com aspectos de interações em redes de interdependências. E essas conexões são impossíveis de se desvencilharem de contextos temporais e das relações territoriais-espaço. Também estão imbricadas nos métodos do uso de discursos e nos métodos de investigação, sendo: a estrutura/ação, o macro/micro, e a sociedade/indivíduo.

Schimitt (2011) salienta, além disso, que os trabalhos de Long (1992; 2007) dialogam ou utilizam os nexos existentes entre a ação social, as redes e a Perspectiva Orientada ao Ator (POA), portanto utilizam a abordagem relacional.

No uso da abordagem relacional, na visão de Granovetter em relação aos laços fortes e laços fracos para determinar as relações sociais nas empresas e as pessoas, e, ainda, dando grande ênfase nas estruturas de redes, pelos vínculos estabelecidos: a intensidade, a frequência, a reciprocidade e a dinâmica de transformação. Já Vale (2007) utilizou a abordagem relacional no apoio para quantificar e qualificar suas pesquisas, valendo-se da frequência e outras análises.

Granovetter (1973, 1983, 1985, 1997) destaca as novas compreensões sobre os fenômenos das redes sociais e as interações na atividade econômica, sendo no micro ou no macro ambiente das redes. As transações econômicas estão enraizadas em redes sociais, as redes de relacionamentos. O autor, também apresenta na sua tese, que as redes sociais são compostas por ênfase nos laços fracos, estes oportunizam o informacional ou a inovação por contribuir com a comunicação nas relações, além de laços fortes, que facultam a coesão da estabilidade social, sendo que o autor posiciona-se nitidamente a favor dos laços fracos. Vale (2007) contribui com as redes intra e inter-regionais, assim como a identificação das classes enraizadas em redes sobre o capital relacional.

Long (2004) escreve sobre a centralidade na interface de articulações e redes, entre indivíduos e grupos. Long (1989) dá, como exemplo de estruturas intermediárias, as redes sociais entre parentescos, relações de compadrio nas organizações de agricultores e cooperativas, ou seja, redes interacionais. Já Silva; Castro; Antonialli (2014) citam o papel das redes empresariais nesses sistemas. Portanto, as redes têm papel valioso entre os indivíduos e grupos, que visam ao informacional, ao econômico, ao político nos territórios.

2.2 Pesquisa Qualitativa, Documental e Análise de Conteúdo

Para que possamos comentar a técnica de análise documental, necessitamos antes abordar o enquadramento e o pertencimento dessa técnica, na abordagem de investigação advinda das pesquisas qualitativas, que abrangem a mensuração dos fenômenos e as atribuições de significados pelos quais são analisados, também em estudos de casos e rurais. (TEIXEIRA; ZAMBERLAN; RASIA, 2009; FRÖHLICH; FRÖHLICH, 2014, ZAMBERLAN *ET AL.*, 2014).

A pesquisa documental, conforme Gil (2008), caracteriza-se pela exploração de fontes documentais de instituições, de forma indireta pelo manuseio, na classificação de documentos que, no caso deste escrito, são as atas assinadas ou rubricadas das ações, reuniões do APL durante o período de convênio.

Bardin (2011) corrobora e afirma que a análise documental visa à consulta e à referência, objetivando de forma conveniente, representar de outro modo esses dados em estado bruto, por intermédio de procedimentos, assinalando a necessidade de haver uma transformação para informações tornarem-se consistentes. A análise de conteúdo utiliza palavras-chave, léxicos, termos específicos, categorias e temas, que procuram identificar as frequências das inferências ou significados. (CHIZZOTTI, 2006).

Inserida na pesquisa qualitativa, consta nos escritos de Chizzotti (2006) e Bardin (2011), a análise de conteúdo como método que tem a intenção da análise da inferência de conhecimentos relativos às condições de produção ou recepção de comunicações, na qual a inferência decorre de indicadores quantitativos ou não, sendo os tipos de documentos dos estudos (atas, questionários ou pesquisas naturais).

Chizzotti (2006) salienta que a análise de conteúdo utiliza comunicações, documentos em textos para serem lidos e interpretados, adotando normas sistemáticas de classificações para extrair significados temáticos ou significantes léxicos. Já Bardin (2011) complementa que a análise de conteúdo utiliza a análise categorial, que é a classificação, recenseamento

segundo a frequência de presença ou ausência de itens de sentido. A análise de conteúdo compõe, ainda, fatores que determinam as características que são deduzidas logicamente, condutas ou atitudes identificáveis.

As categorias utilizadas na pesquisa documental e na análise de conteúdo, servem para possibilitar os elementos dos conteúdos identificáveis em função dos objetivos e das descrições (critérios, categorias de assuntos ou atitudes), ou o uso de indicadores, que nos escritos de Chizzotti (2006), são dados observáveis, passíveis de serem definidos em números ou porcentagens, investigando diferentes dimensões de critérios, categorias analisadas, confirmando a presença ou ausência do atributo analisado, de tal forma que se obtenha o máximo de informação (aspecto quantitativo), com o máximo de pertinência (aspecto qualitativo). (BARDIN, 2011).

3. MÉTODOS E AS TÉCNICAS

Gil (2008, p.26) define o que compõe a pesquisa social “como o processo que, utilizado a metodologia científica, permite a obtenção de novos conhecimentos no campo da realidade social” e May (2004), por sua vez considera que a prática da pesquisa social envolve interfaces entre as ideias sobre o mundo social e os dados coletados nele, ponderando que se usam métodos alternativos de coleta de informação e de análise dos dados resultantes nas ciências sociais.

Gil (2008) enquadra a pesquisa social como pertencente às pesquisas descritivas para relatar critérios ou características de determinada população ou fenômeno ou, ainda, as conexões e interfaces de critérios com técnicas padronizáveis de coleta de dados. As pesquisas descritivas visam caracterizar grupos e investigar atitudes com associações e possíveis situações homogêneas ou não.

May (2004) completa que o processo de pesquisa envolve o trabalho empírico e coleta dos dados que iniciam, criticam ou organizam nossas próprias teorias que oportunizam o entendimento ou explicação das nossas observações.

O documental das atas preenchidas, assinadas ou rubricas pelos atores foi tabulado em Excel, expressando quantitativamente e qualitativamente com as análises de categorias, de Bardin (2011).

Assim na técnica utilizada da análise documental visou relacionar os presentes nas atas das ações, reuniões e inclusive, identifica os ausentes (que deveriam estar e não participaram) ou outras restrições, da política pública do APL apicultura Vale do Jaguarí - RS.

Na técnica de análise documental pode-se utilizar o Excel, mas este tem limitações no uso a partir de maior introdução de multi critérios, muitos atores participantes que aumentam a complexidade de dados e informações, portanto, em níveis maiores de complexidade orienta-se utilizar os *softwares* qualitativos que tenham funções quantitativas como Sphinx, Sphinx IQ2, MAXQDA, NVIVO 2.0, e outros.

As categorias foram inseridas no *software* Sphinx Léxica V.5, *software* qualitativo, quantitativo e léxico. O *software* permite três etapas: a elaboração do questionário, a coleta de respostas, e, a última etapa, os tratamentos e análises. No tratamento e análises, geraram-se

tabelas e informações, de primeiro e segundo níveis, dos cruzamentos dos critérios cadastrados na etapa da elaboração e coleta de respostas do formulário.

Na pesquisa documental de manuseio das atas, utilizamos os critérios:

- a) data (da ação/reunião);
- b) município/região que participou;
- c) relações da governança e parceiros;
- d) as pessoas, em categorias, que estiveram presentes nos eventos com a ata;
- e) diferentes atores de Long (1989) que foram classificados nos seus critérios: 1) clientes; 2) espectadores; 3) executantes; e 4) grupo de interesses;
- f) os laços sociais adaptados com a crítica de Vale (2007), que laços fracos e laços fortes não apresentam uma gradação entre eles, portanto, critica o autor Granovetter;
- g) os pesos dos laços sociais: laços fortes (peso três), laços fracos (peso um) e laços indiferentes (peso zero).

Em relação aos laços sociais de Granovetter (1973; 1985), adotamos a análise dos resultados dos números e adaptamos o método adotado neste escrito, a variação da frequência, a partir da média e desvio padrão das frequências, as quais foram utilizadas.

Procedemos da seguinte forma nas atas separadas por entidade, instituição, governança e pelos números de quatrocentas e trinta e quatro ações, reuniões no total:

- a) mais de um desvio padrão foi classificado como laços fortes (peso três);
- b) até um desvio padrão nos laços fracos (peso um);
- c) abaixo de um desvio padrão estariam classificados como laços indiferentes (peso zero) e, portanto, criando uma escala de diferenciação dos laços fracos, sendo uma crítica identificada na colaboração de Vale (2007) quanto aos laços sociais.

4. ANÁLISES E DISCUSSÕES

Procedemos às análises iniciando na pergunta um, verificamos as atividades, ações que ocorreram de capacitações, cursos, palestras, treinamentos por data, mês e ano.

Os resultados da pergunta um foram tabulados no *software*, sobre as atividades, ações, reuniões em relação às datas que ocorreram nos meses e anos, sendo a maior frequência de atividade, em maio de 2016, com sessenta e oito ações, muitas simultâneas como no “Dia do mel na praça” nos municípios que aderiram ao projeto. Outros municípios como Jaguari, Nova Esperança do Sul e Unistalda, não efetivaram ações nas datas solicitadas e Capão do Cipó em poucas horas. A menor frequência ocorreu em dezembro 2016, com três ações, reuniões.

Na pergunta dois, analisamos as relações do APL com os municípios, no território do Vale do Jaguari – RS, e outras regiões do Estado do Rio Grande do Sul.

Os resultados da pergunta dois apresentaram uma variação de análise, na qual consta os representantes dos municípios ou regiões, que estão relacionadas com as frequências de atividades e percentuais. Sendo a maior ocorrência em Santiago, com cento e oitenta

atividades, reuniões perfazendo 41,50% e, a menor, Nova Esperança do Sul com sete atividades, reuniões realizadas ou apenas 1,60% de percentual.

Nas respostas da pergunta dois foram o fora a frequência da própria equipe do APL, os maiores contatos com apicultores em atividades, ações e reuniões com cinquenta e sete frequências, perfazendo 13,10%.

A pergunta três engloba as atividades que ocorreram nas relações da governança e parceiros, no período de 2016 – 2017. A média de pontuações ocorreu com 13,90 pontos, e desvio-padrão de 12,30 pontos. As menores interações foram com as entidades, instituições, correspondendo a uma atividade, sendo cada ação a 0,2% na frequência.

São nominadas as frequências denominadas de laços indiferentes: a assessoria do ex-Deputado Estadual Bianchini (que na fase anterior à formação do APL era muito frequente sua participação); a Assismel, a Associação Apícola de São Francisco de Assis (que evidenciou o não interesse em participar do APL apicultura); o Sindicato Rural de Jaguari; a agência AGDI do Estado (uma única participação); a Embrapa (que foi executante de um evento); a presença de feirantes; a presença dos alunos do IFFSVS; a presença de agricultores; presença do representante do Governo Estadual do órgão da SEAPI (no evento do Seminário Estadual ocorrido em 2016); uma reunião com o Ministério da Agricultura -SFA (para esclarecimento de normas de inspeção federal para o alimento mel) e uma com a Coopersaf (Cooperativa Mista de São Francisco de Assis).

Outro relatório permitiu ver o comportamento de frequências do número de pessoas presentes nas reuniões, constam da pergunta quatro. A média das frequências é 2,17 pontos, e o desvio padrão 1,92 pontos, soma 941 pessoas. A forte maioria da frequência realizou-se nas reuniões abaixo de quatro pessoas, sendo 319 ocasiões e correspondendo a 73,50%. A menor frequência ocorreu com mais de onze pessoas, tendo uma frequência de 0,5%.

Na pergunta cinco, a seguir, apresentamos uma análise de diferentes atores, que ocorreu conforme a teoria de Long (1989b), os quais foram classificados nos seus critérios:

Tabela 1 – Classificação de diferentes atores conforme critérios de Long (1989)

Diferentes Atores	Frequência	Percentuais
Grupo de interesses	160	36,90%
Executantes	128	29,50%
Clientes	98	22,60%
Espectadores	48	11,10%

TOTAL OBS.	434	100%
------------	-----	------

Fonte: Pesquisa e elaboração no *Software Sphinx*.

A maior proporção nas atividades, ações e reuniões ocorreu com os grupos de interesses na frequência de cento e sessenta ocasiões, correspondendo a 36,90%. A menor proporção ocorreu com os espectadores, em quarenta e oito atividades, ações e reuniões sendo equivalente a 12,10%.

Na pergunta seis em relação aos laços sociais de Granovetter (1973; 1985), adotamos, por análise dos resultados dos números, que a variação a mais de um desvio padrão seria da frequência que foi classificada como laços fortes (peso 3), nos laços fracos (peso 1) até um desvio padrão, e abaixo de um desvio padrão estariam classificados como laços indiferentes (peso 0). Portanto, criamos uma escala de diferenciação dos laços fracos, sendo uma crítica identificada na colaboração de Vale (2007) quanto aos laços sociais.

Tabela 2 – Laços sociais e classificação adaptada

Laços Sociais	Frequência	Percentuais
Laços Fortes	263	60,60%
Laços Fracos	138	31,80%
Laços Indiferentes	33	7,60%
TOTAL OBS.	434	100%

Fonte: Pesquisa e elaboração no *Software Sphinx*

Após, na pergunta sete, procedeu-se à atribuição de pesos conforme laços fortes (peso 3), laços fracos (peso 1) e laços indiferentes (peso 0), para uma quantificação para as análises.

Os laços fortes foram classificados em duzentas e sessenta e três ocasiões nas ações, atividades e reuniões, perfazendo a maioria absoluta e 60,60%, contrariando a visão de Granovetter, pela qual o autor daria mais ênfase aos laços fracos informacionais. Os laços fracos foram classificados em cento e trinta e oito ocasiões nas atividades, ações e reuniões com 31,80%. Finalizando a inferência de pesquisa na classificação, sustentada pelos resultados muito abaixo, necessitando de uma nova categoria, a de laços indiferentes, em trinta e três ocasiões nas ações, atividades e reuniões perfazendo 7,60%.

A seguir, separamos por representantes dos municípios ou regiões com atuações de ações, reuniões do APL. O próximo critério foi classificar as atividades dos atores, por

frequência ocorrida, que assinaram as atas de presenças e percentual. Depois, a recodificação nos pesos dos laços sociais nas ações, reuniões, também em frequência e percentual.

Tabela 4 - Características dos representantes dos municípios/região com os critérios: diferentes atores, pesos dos laços sociais.

---	Diferentes Atores	Pesos dos laços sociais
Capão do Cipó (13)	Clientes (3; 23,1%) Espectadores (5;38,5%) Executantes (0; 0%) Grupo de interesses (5; 38,5%)	0 (4; 30,8%) 1 (9; 69,2%) 3 (0;0%)
Cacequi (29)	Clientes (13; 44,8%) Espectadores (2; 6,9%) Executantes (1;3,5%) Grupo de interesses (13; 44,8%)	0 (1; 3,5%) 1 (6; 20,7%) 3 (22;75,9%)
Jaguari (28)	Clientes (10; 35,7%) Espectadores (2; 7,1%) Executantes (1; 3,6%) Grupo de interesses (15; 53,6%)	0 (1; 3,6%) 1 (18; 64,3%) 3 (9;32,1%)
Mata (19)	Clientes (9; 47,4%) Espectadores (2; 10,5%) Executantes (0, 0%) Grupo de interesses (8; 42,1%)	0 (1; 5,3%) 1 (8; 42,1%) 3 (10;52,6%)
Nova Esperança do Sul (7)	Clientes (2; 28,6%) Espectadores (2;28,6%) Executantes (1; 14,3%) Grupo de interesses (2;28,6%)	0 (2; 28,6%) 1 (4; 57,1%) 3 (1;14,3%)
Santiago (180)	Clientes (12;6,7%) Espectadores (6;3,3%) Executantes (114;63,3%) Grupo de interesses (48;26,8%)	0 (6;3,3%) 1 (28;15,6%) 3 (146;81,1%)
São Francisco de Assis (29)	Clientes (8;27,6%) Espectadores (8;27,6%) Executantes (0; 0%) Grupo de interesses (13;44,8%)	0 (8;27,6%) 1 (15;51,7%) 3 (6;20,7%)
São Vicente do Sul (49)	Clientes (8;27,6%) Espectadores (8;27,6%) Executantes (8;16,3%) Grupo de interesses (25;51%)	0 (0;0%) 1 (11;22,4%) 3 (38;77,6)
Unistalda (33)	Clientes (23;69,7%) Espectadores (4;12,1%) Executantes (0; 0%) Grupo de interesses (6;18,2%)	0 (6;18,2%) 1 (10;30,3%) 3 (17;51,5%)
Vale do Jaguari (14)	Clientes (0;0%) Espectadores (1;7,1%) Executantes (0; 0%) Grupo de interesses (13;92,9%)	0 (1;7,1%) 1 (3;21,4%) 3 (10;71,4%)
Santa Maria (12)	Clientes (1;8,3%) Espectadores (2;16,7 %) Executantes (2;16,7%) Grupo de interesses (7;58,3%)	0 (0;0%) 1 (9; 75%) 3 (3;25%)
Outros (21)	Clientes (4;19,1%) Espectadores (11;52,4%)	0 (4;19,1%)

	Executantes (1;4,8%) Grupo de interesses (5;23,8%)	1 (14;66,7%) 3 (3;14,3%)
CONJUNTO (434)	Clientes (98;22,58%) Espectadores (48;11,07%) Executantes (128;29,49%) Grupo de interesses (160;36,86%)	0 (34;7,84%) 1 (134;30,87%) 3 (266;61,29%)

Fonte: Autores (2020) com as análises do *software* Sphinx

Assim, a última linha da tabela, no conjunto da análise, ocorreu quatrocentas e trinta e quatro ações, reuniões durante o período do convênio, oportunizando as classificações: dos clientes com noventa e oito ações, reuniões correspondendo a 22,58%; nos espectadores ocorrendo quarenta e oito ações, reuniões perfazendo 11,07%; nos executantes cento e vinte e oito ações, reuniões obtendo 29,49%, e, os grupos de interesses cento e sessenta ações, reuniões obtendo 36,86% do total. Portanto, houve o predomínio das ações, reuniões destinadas aos grupos de interesses com maior percentual e menor percentual, os espectadores.

Os laços sociais nas classificações por pesos, o maior resultado foram os laços fortes (peso três) ocorrendo duzentas e sessenta e seis ações, reuniões equivalendo a 61,29%; a seguir, os laços fracos (peso um), cento e trinta e quatro ações, reuniões obtendo 30,87% e completando, laços indiferentes (peso zero) trinta e quatro ações, reuniões totalizando 7,84%.

Ao contrário da visão de Granovetter (1973; 1985), a maior frequência das ações, reuniões foi dos laços fortes (peso três), já que o autor dava preferência aos laços fracos que potencializariam a disseminação de informações ou o fomento à inovação. Portanto, no caso do APL apicultura Vale do Jaguari – RS, no seu período do convênio fomentado, não se confirmaram as ideias do autor Granovetter, sendo que os laços fortes foram os mais representativos, aqueles que visam à maior frequência de contatos, ou seja, maior aproximação, tendo aumento de confiança como critério ocorrendo no tempo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta deste artigo visou despertar o interesse de estudantes de graduação e pós-graduação, ademais o objetivo deste escrito, foi abordar a técnica da análise documental em um estudo de caso no Arranjo Produtivo Local apicultura Vale do Jaguari – RS, durante a vigência do convênio 014/2015 APL/DPI/AGDI, com fomento externo de abril de 2016 a setembro de 2017, ofertando capacitações, cursos, palestras e treinamentos.

Na pergunta norteadora, investigamos o uso da técnica de análise documental que favoreceu a busca de informações advindas de atas de ações, reuniões do referido convênio 014/2015, dos atores que participaram no período citado sobre a proposta de intervenção no território, ou seja, mediante a intervenção de capacitações, cursos, palestras e treinamentos.

Não se pode considerar que as relações sociais fossem homogêneas no convênio 014/2015 APL/DPI/AGDI na participação dos atores, não foram, elas foram heterogêneas e assimétricas com proposta externa coordenada por um ator regional, a universidade. O plano

de ação, o planejamento e implementação, visavam à homogeneidade nas ações, essa é, pois, a crítica que chegamos nas considerações finais.

Mas, pelo estudo ocorrido pelo método da análise documental, após o convênio é que se apropriou-se da perspectiva orientada aos atores e da questão de agência de Giddens que se confirmou, na atenção que os atores participaram, se empenharam para a proposta do APL apicultura com boa aceitação, representados pelos laços fortes, que foram principalmente os representantes dos municípios de Cacequi, Santiago e São Vicente do Sul. Porém alguns atores aceitaram parcialmente, os representantes do município de Mata quase um equilíbrio entre os laços fortes e laços fracos, outros negaram-se a participar ou fraca adesão, os representantes do município de São Francisco de Assis e outros ainda, foram indiferentes ou fraca adesão, os representantes dos municípios de Capão do Cipó, Jaguarí, Nova Esperança do Sul e Unistalda.

A questão crítica que a análise documental oportunizou perceber é que o planejamento e implementação do arranjo produtivo, ou seja, a prática antecedeu ao estudo teórico. Assim, se o planejamento e a implementação viessem com o estudo da perspectiva orientada aos atores e à capacidade de agência, concomitantemente, os resultados poderiam ser melhores com mais adesões e menos não participações (adesões parciais, negações ou indiferenças), visando oportunizar ao estudo de ouvir mais esses atores e perguntar-lhes quais fatores fomentariam maior interesse em capacitações, cursos, palestras e treinamentos dentro da proposta do convênio, o que os motivaria a participar?

Houve três pesquisas exploratórias, pré APL e durante o convênio, e mais duas pesquisas para o doutorado, que deram sustento e percepção na falta de informação dos apicultores quanto às doenças e inimigos das abelhas, as quais foram trabalhadas nos cursos, também outras oportunidades para produções apícolas além do mel, como na palestra da produção de própolis. Além de propiciarmos cursos básicos e avançados em apicultura, mas nem todos os apicultores queriam capacitações, cursos, palestras e treinamentos.

Também resultado da oitiva acerca da necessidade de melhoramento genético de parte dos apicultores, que foi positiva, com a possibilidade de informação técnica e disponibilização para a compra agendada de rainhas reprodutoras melhoradoras. E sugestões de melhorias necessárias dos controles produtivos apícolas a serem adotados pelos apicultores, as Boas Práticas Apícolas (BPA) necessárias para aumento da qualidade e quantidade produzida.

Outro ganho que adveio das pesquisas foi a percepção da sub notificação de informações oficiais, sempre muito menores, sobre a produção, comercialização intra e extra território do produto mel, contemplando no estudo a estimativa mais verdadeira da participação da atividade apícola, em quilos de mel produzidos e financeiramente para o território.

No período do fomento externo, ocorreu o pico de preço pago pelo produto mel no mercado internacional historicamente, algo que fomentou novas adesões de interessados na atividade apícola como complemento da renda na área rural, todavia esse movimento de preços internacionais não tinha ação nenhuma do APL em formação, tratando-se de uma coincidência temporal. Em contrapartida, despertou o interesse das famílias, no aumento, também, no feminino, filhos/as e amigos para a atividade apícola, mas essa atividade não

prima por gerar empregos, apenas relações de parceria/prestação de serviços por produtividade.

Mas, simultaneamente, ocorreram perdas por fatores climáticos (tempestades, granizos e vendavais) e os mais danosos e perigosos que se trata do aumento de perdas de abelhas e colmeias, pelo uso indiscriminado de venenos agrícolas principalmente da atividade da soja (inseticidas, fungicidas, herbicidas), que afetam matando-as, ou prejudicando nas orientações dos voos das abelhas e o retorno destas às caixas apícolas. Danificam, também, o patrimônio dos apicultores, que perdem suas caixas apícolas por envenenamento e a produção melífera é comprometida e inutilizada, com potenciais danos vinculados à saúde das pessoas e contaminações ambientais.

Mesmo com a crítica identificada, a percepção dos atores pesquisados foi positiva em relação às ações, atividades ofertadas, inclusive com uma parcela expressiva dos respondentes se manifestaram que seriam favoráveis à continuidade das ações, atividades e a continuação da política de fomento externo junto ao APL apicultura. O que não foi possível e foi descontinuado.

Ademais, como consideração final, a apicultura tem o grande papel facilitador na polinização para produzir alimentos aos humanos, com um grande percentual de fecundação de flores para gerarem as sementes e frutos, e proporcionar maior produtividade em cereais, frutas, leguminosas (inclusive a cultura da soja) e verduras, também com importância na produção de biocombustíveis, ou seja, a importância do segmento apícola para a preservação vida e dos ecossistemas no planeta terra.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. Análise de Conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2011.

BERDEGUÉ, J. *et al.* Territorios em movimento. Dinámicas Territoriales Rurales em América Latina. Documento de Trabajo N°110. Programa Dinámicas Territoriales Rurales. Rimisp, Santiago, Chile, 2012.

CIC. Modelo Intellectus: medición y gestión del capital relacional. Serie Documentos Intellectus 5. Madrid: Centro de Investigación sobre la Sociedad del conocimiento (CIC), 2003.

CHIZZOTTI, A. Pesquisa Qualitativa em Ciências Humanas e Sociais. Petrópolis/RJ: Vozes, 2006.

DALLABRIDA, V. R. Teorias do desenvolvimento: aproximações teóricas que tentam explicar as possibilidades e desafios quanto ao desenvolvimento de lugares, regiões, territórios ou países. Curitiba: CRV, 2017.

FAVARETO, A. *et al.* Territórios importam - bases conceituais para uma abordagem relacional do desenvolvimento das regiões rurais ou interioranas no Brasil. Revista em Gestão, Inovação e Sustentabilidade. Brasília, v.1, n.1, p.14 – 46, dez. 2015.

FRÖLICH, E. R.; FRÖLICH, C. Metodologia de pesquisa em estudos rurais: investigando a partir de estudo de caso. P. 57 – 75. In: Pesquisa em Desenvolvimento Rural: aportes teóricos e proposições metodológicas. Vol.1. Org(s) Marcelo A. Conterato, Guilherme F. W. Radomsky e Sérgio Schneider. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2014.

GIDDENS, A. As Consequências da Modernidade. Lisboa: Celta, 1992.

_____. The constitution of society. Berkeley: University of California Press, 1984

GIL, A. C. Métodos e Técnicas da Pesquisa Social. 6ª Ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GRANOVETTER, M. Economic institutions as social constructions. Acta Sociologica, n.35, p. 3-11, 1992.

_____. Economic action and social structure: the problem of embeddedness. American Journal of Sociology, v. 91, p.481 – 510, 1985.

_____. The strength of weak ties: a network theory revisited, Sociological Theory , v.1, n.1, p. 201 – 233, 1983.

_____. The strength of weak ties. American Journal of Sociology, v. 78, n.6, p.1360 – 1380, 1973.

LONG, N.; PLOEG, J. D. V der. Heterogeneidade, ator e estrutura: para a reconstituição do conceito de estrutura. P. 21 a 48. In: SCHNEIDER, S.; GAZOLLA, M. (Orgs.). Os atores de desenvolvimento rural: perspectivas teóricas e práticas sociais. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.

LONG, N. Sociologia del desarrollo: una perspectiva centrada em el actor. El Colegio de San Luís/ CIESAS, San Luís de Potosí/México, 2007. 499 p.

_____. Actors, interfaces and development intervention: meanings, purposes and powers. P.14 – 40. In: Development Intervention: actor and activity perspectives. Tiina Kontinen (Ed.). Helsinki: Heisngfors, 2004. ISBN 952-10-1939-5. Disponível:<<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/pdf/10.1111/j.1467-9523.1989.tb00368.x>>. Acesso: maio, 2019.

_____. Agency and Constraint, Perceptions and Practice. A Theoretical position. Images and realities of rural life. Wageningen, 1997 - library.wur.nl. Disponível:<<http://library.wur.nl/WebQuery/wurpubs/fulltext/359505>>. Acesso: maio, 2018.

_____. Chapter IX. Conclusion: theoretical reflections on actor, structure and interface. Pp. 221 – 244. In: LONG, N. (Editor) Encounters at the interface: a perspective on social discontinuities in rural development. Wageningen: Agricultural University, Wageningen studies in sociology; 27. Agricultural University Wageningen, the Netherlands 1989.

MARTÍNEZ-TORRES, E. A produce to design a structural and measurement modelo for intelectual capital: an exploratory study. Information & Management, 43(3), 617-626, 2006.

- MAY, T. Pesquisa Social: questões, métodos e processos. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- REIS, J. Uma epistemologia do território. Estudos Sociedade e Agricultura, Rio de Janeiro, vol.13, no.1, 2005:51-74. Disponível: <<https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/41759/1/Uma%20epistemologia%20do%20territ%C3%B3rio.pdf>>.
- SCHMITT, C. J. Redes, atores e desenvolvimento rural: perspectivas na construção de uma abordagem relacional. Sociologias, vol. 13, n. 27, maio-agosto, 2011, pp. 82-112 Universidade Federal do Rio Grande do Sul Porto Alegre, Brasil.
- SCHNEIDER, S.; GAZOLLA, M. Os atores entram em cena. P. 11 a 17. In: SCHNEIDER, S.; GAZOLLA, M. (Orgs.). Os atores de desenvolvimento rural: perspectivas teóricas e práticas sociais. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.
- SCHNEIDER, S. A abordagem territorial do desenvolvimento rural e suas articulações externas. Sociologias, Porto Alegre, ano 6, nº11, jan./jul. 2004, p.88 – 125.
- SILVA, I.C.; CASTRO, C.C. de; ANTONIALLI, L. M. Governança nas aglomerações produtivas: proposição de um modelo teórico de análise da trajetória de formação e desenvolvimento da coordenação. G&DR, v. 10, n. 1, p. 183-205, jan.-abr./2014, Taubaté - SP, Brasil.
- TEIXEIRA, E. B., ZAMBERLAN, L., RASIA, P. C. Pesquisa em Administração. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2009.
- VALE, G. M. V. Territórios vitoriosos: o papel das redes organizacionais. Rio de Janeiro: SEBRAE, Garamond, 2007.
- ZAMBERLAN, L. *et. al.* Pesquisa em Ciências Sociais Aplicadas. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2014.